

ADESTRAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL
MÉDIO PARA SERVIÇOS DE ÁGUA

ZADIR CASTELO BRANCO
Engenheiro da Fundação SESP — Guanabara

DA NECESSIDADE DE PADRÕES ELEVADOS

A operação, a manutenção e a administração de um sistema público de abastecimento de água devem ser colocadas em mãos de pessoal competente, bem selecionado e especialmente treinado. O número de funcionários desses serviços, como é natural, depende do tamanho das instalações e, até certo ponto, do tipo de água tratada e da natureza dos processos de tratamento. Isso é verdadeiro, tanto nas pequenas quanto nas grandes cidades, devendo todos os serviços estar sob controle de pessoal tecnicamente habilitado e experimentado. Os problemas de operação das grandes estações são análogos aos das pequenas estações, exigindo análogamente hábil supervisão e administração.

Apreciado o problema sob o ponto de vista do usuário do sistema, conclui-se que a êle pouco importa se a água que recebe provém de uma pequena ou uma grande instalação. Ao usuário importa, rigorosamente, que a água a ser consumida em seu domicílio seja constantemente de boa qualidade, em quantidade adequada e sob pressão apropriada.

Sob o ponto de vista comum ao técnico e ao usuário não é justo, nem de boa ética, admitir que os padrões do líquido distribuído, o nível do serviço prestado e os bons princípios administrativos sejam rebaixados simplesmente porque um sistema está servindo apenas a poucos usuários. O controle dos sistemas públicos de abastecimento de água não deve ser transigido, qualquer que seja o tamanho do mesmo, pois os direitos do usuário devem ser imutáveis, seja êle habitante de uma vila, seja residente numa metrópole.

DAS LIMITAÇÕES DO AUTOMATISMO E DO MONOPÓLIO DO SERVIÇO

É inegável existir uma tendência acentuada para o emprêgo do automatismo em todos os complexos industriais. A essa tendência não fogem os serviços de água, especialmente as estações de tratamento e as de bombeamento. Na verdade, as estações de tratamento não são automáticas e jamais o serão. Embora as bombas, os dosadores e até os filtros possam ser automáticos, o tratamento da água para transformá-la num líquido saudável e agradável à visão e ao paladar do consumidor, não pode ser reduzido a uma simples atividade mecânica.

Como enfatizamos anteriormente, o tratamento da água exige contrôle e cuidadosa supervisão efetuada por pessoal competente. Esse contrôle é importantíssimo se considerarmos que uma vez distribuída a água, não há meios de tê-la de volta, para melhorar sua qualidade. Essa é, essencialmente, a diferença entre a água que deixa uma estação de tratamento e os demais produtos industrializados, todos passíveis de devolução por defeito ou má qualidade no processamento.

Outro ponto importante a considerar é a existência em qualquer campo industrial de um sistema de competição. Mesmo nos chamados serviços públicos industrializados é possível e existem casos abundantes de coexistência competitiva de emprêsas de transportes, companhias telefônicas, distribuidores de gás encanado ou em bujões, etc., dentro das concentrações urbanas no território brasileiro. O mesmo não ocorre quando se trata de abastecimento de água. A água é distribuída sob condições de *monopólio*. O usuário não tem, dêste modo, outro sistema organizado e competitivo a que recorrer se o líquido que lhe for oferecido fugir aos padrões de potabilidade, se o sistema primar pela intermitência ou, até, simplesmente se lhe convier mudar de fornecedor.

Do exposto, decorre que o produto entregue a domicílio pelos responsáveis por um serviço de água deve ser inquestionavelmente seguro, abundante e satisfatório a qualquer momento, em qualquer local e em qualquer torneira. O contrôle das estações de tratamento não deve, portanto, ficar nos limites do automatismo, dos autômatos e dos comandos limitados e distantes. Faz-se preciso o emprêgo de engenhosidade, saber, habilidade, variedade de recursos, integridade, confiança e, até, uma dose de relações humanas necessárias para convencer o público da necessidade do que está sendo feito em seu benefício.

DA DISTORÇÃO PROVOCADA PELA CARENCIA DE PESSOAL DE NÍVEL MÉDIO

Quando um engenheiro é chamado a construir um sistema pú-

blico de abastecimento de água, na certa receberá as plantas, o terreno para as obras projetadas, as dotações e a indispensável autorização para execução dos serviços. Além disso, recebe também a incumbência de executar as obras num determinado prazo.

Nada mais sendo fornecido, cabe ao engenheiro despender considerável energia e tempo precioso, aplicando-os na tentativa de fazer de um elemento local o “mestre de obras”, o “montador de rêdes”, o “bombeiro ou encanador”, etc. Êste quadro é verdadeiro e sobretudo realista, pois, neste momento, na vastidão brasileira são incontáveis os engenheiros tentando transmitir ao mestre de obra, ao desenhista, ao encanador, etc., os conhecimentos mínimos indispensáveis para que o improvisado técnico possa executar as tarefas que lhe cabem, realizando-as, às vêzes, “por obra e graça do Espírito Santo”.

Convém ainda lembrar que, muitas vêzes, é o próprio engenheiro que se encarrega da instalação do equipamento, mesmo aquêle sem complexidade, simplesmente por falta do operário adestrado em montagens de bombas, cloradores, dosadores, etc.

Em alguns pontos do Brasil, a carência de pessoal de nível médio assume tal intensidade que ocorre uma distorção da mentalidade dos engenheiros, e êstes passam a julgar normais as tarefas de conduzir os trabalhos, montar equipamento, desenhar, preparar orçamento, afastando-se das atribuições que realmente lhes compete e que exigem os conhecimentos adquiridos em cursos universitários.

Se êste quadro é verdadeiro quando trata-se de enfrentar os problemas ligados a construção dos sistemas de abastecimento de água, não menos verdadeiro é êle quando chega o momento de operá-los. A operação dos sistemas de abastecimento de água tem sido, históricamente, relegada a plano secundário. Talvez por êste motivo o adestramento de pessoal para a operação e administração dos sistemas de abastecimento de água não tenha sido encarado como tarefa imperiosa e contínua.

Desejo enfatizar que no campo da operação dos sistemas de abastecimento de água, é bem amarga a experiência brasileira. A operação quasi sempre se inicia em condições satisfatórias e assim permanece enquanto há influência da operação de ensaio estabelecida inicialmente. A seguir, ocorre uma queda de padrão. Tal queda, lenta no início, progride rapidamente até o serviço de abastecimento de água resvalar para a inoperância total.

Êste quadro não foi exagerado, nem se revestiu de aspectos somente encontrados em determinadas regiões do Brasil. E' a simples constatação de um fenômeno nacional. Ocorreu e está neste momento ocorrendo em dezenas de outras cidades brasileira.

A SITUAÇÃO BRASILEIRA

Em 1963, o Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), em decorrência de um convênio firmado com a Agência para o Desenvolvimento Internacional (USAID/Brasil), procedeu a um levantamento e a um estudo nos departamentos de água e esgotos de 13 cidades brasileiras de porte médio, considerando-se naquela faixa as cidades com cêrca de 50 mil habitantes. Êsse levantamento confirmou o fato de que só uma porcentagem muito pequena de municípios dispõe de organização e pessoal adestrado para administrar, operar e manter convenientemente os serviços de água e esgotos. Os dois principais fatores responsáveis pelas condições prevalentes são o desconhecimento do que constitui um serviço eficiente e a carência de pessoal capaz e qualificado. Foi elaborado um proveitoso relatório sôbre o levantamento realizado, ao fim do qual foram adicionadas Conclusões e Recomendações. As Conclusões e Recomendações do relatório mencionado precognizam o estabelecimento de amplo programa de adestramento de pessoal, especialmente de nível médio.

A vivência com os problemas e com aquêles direta ou indiretamente envolvidos com os sistemas de abastecimento de água, nos leva a declarar que a maioria dos municípios está ansiosa por receber assistência técnica, existindo ampla receptividade para os programas de treinamento.

O PROGRAMA DE TREINAMENTO DOS DEPARTAMENTOS ESTADUAIS DE ÁGUA E ESGOTOS

Apesar de reconhecida necessidade de treinar pessoal de nível médio, os Departamentos de Água e Esgotos nas diferentes unidades da Federação não dedicam ao problema a atenção que o mesmo deve merecer. Assim, dos 22 Estados brasileiros poucos mantêm um programa de treinamento, mesmo ocasional. Sòmente na Guanabara, no Rio de Janeiro, no Paraná e no Rio Grande do Sul existem programas de treinamento. Nos demais Estados prevalece o chamado "Treinamento em serviço", onde os conhecimentos são transmitidos de um profissional para um aprendiz, tudo dependendo, na verdade, da extraordinária capacidade de improvisação do operário brasileiro.

Vejamos, a seguir, em rápidas palavras, o que está sendo feito nas diversas unidades da Federação.

a) *Guanabara*

A Companhia Estadual de Águas e Esgotos da Guanabara (CEDAG), antigo Departamento de Água e Esgôto da SURSAN, iniciou,

recentemente, um programa de treinamento para pessoal de nível médio. O objetivo imediato dos cursos é a formação de Soldadores, pois naquêlê Estado entre as funções mais importantes daquêlê profissional está a execução de juntas soldadas com solda branca, sendo êsse o tipo de junta utilizada para unir um tubo de chumbo a outro ou à peças de transição em bronze. O engenheiro Eugênio Morand, responsável pelo programa de treinamento, depois de afirmar que “a técnica da solda corrompeu-se no decorrer das sucessivas transmissões de geração a geração, até atingir níveis alarmantemente baixos que exigiram medicação pronta e eficaz” e verificar que a profissão era produto de aprendizado em serviço, afirmou que “o aprendiz aprende com seu instrutor sômente uma parcela de suas virtudes e, geralmente, a totalidade dos seus defeitos”, e decidiu iniciar o programa de treinamento pela formação de Soldadores.

Como meta posterior a CEDAG organizou cursos de treinamento para Auxiliares de Engenheiros e Feitores. No momento estão sendo preparadas apostilas para os cursos citados.

Cumpre salientar que, na Guanabara, os chamados Auxiliares de Engenheiros são os responsáveis pela manutenção das rêdes de distribuição, subordinando-se diretamente aos engenheiros chefes de distritos. Já os Feitores são os responsáveis pelos carros que transportam as turmas de manutenção.

Em anexo, estão os programas para os cursos de treinamento para Auxiliares de Engenheiros, Feitores e Soldadores. Embora os programas dos cursos se assemelhem em conteúdo, divergem em profundidade. Para os Auxiliares de Engenheiros, por exemplo, enfatizam-se os aspectos administrativos e sanitários e os de Relações Humanas. Já para os Feitores há o cuidado de incutir conceitos de organização, distribuição e contrôle dos serviços. Para os Soldadores dá-se maior importância aos aspectos relacionados com a execução dos serviços, suas técnicas e maneiras de proceder.

Face às necessidades locais, o treinamento dos Soldadores foi dividido em dois programas: um rápido e outro a longo prazo. O programa rápido já está quase todo executado e graças a êle foi possível em dois meses treinar cêrca de 80 soldados. O treinamento a longo prazo será iniciado pelo curso visando a formação de Auxiliares de Engenheiros, seguindo-se os Feitores e, finalmente, os Soldadores.

Embora o programa de treinamento da CEDAG ainda esteja em andamento, verifica-se que dos doze distritos existentes na Guanabara, sete já estão com seus soldados treinados nos cursos rápidos. Já podem ser apontados os seguintes resultados positivos propiciados pelo treinamento rápido dos soldados:

- 1) diminuição de 30 para 50% na reincidência dos vazamentos;

- 2) uma melhor execução das novas instalações prediais externas;
- 3) uso mais adequado das ferramentas entregues aos soldadores.

b) *Rio Grande do Sul*

No Rio Grande do Sul, a Secretaria de Obras Públicas, através da Diretoria de Saneamento e Urbanismo, órgão encarregado da operação de mais de uma centena de sistemas públicos de abastecimento de água, mantém um programa de treinamento onde se destaca o curso para Técnicos de Laboratórios. O manual elaborado para aquele curso corre todo o Brasil face à profusa distribuição realizada sob os auspícios da USAID. Tal manual recebeu o título de Normas de Purificação de Água.

Infelizmente, não há detalhes sobre os demais cursos.

O Departamento de Águas e Esgotos, autarquia responsável pelo sistema de abastecimento de água de Pôrto Alegre, em comunicação feita pelo engenheiro Drayton Inácio da Silva, ao III Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária, reunido em 1965, em Curitiba, esclarece "ter programado uma série de cursos especializados, abrangendo praticamente todos os setores de atividades". Naquela comunicação há detalhes sobre o programa para o curso de Leiturista de Hidrômetros. Não há, infelizmente, notícias sobre o desenvolvimento dos cursos programados.

Anexamos o programa para o curso de Leiturista de Hidrômetros.

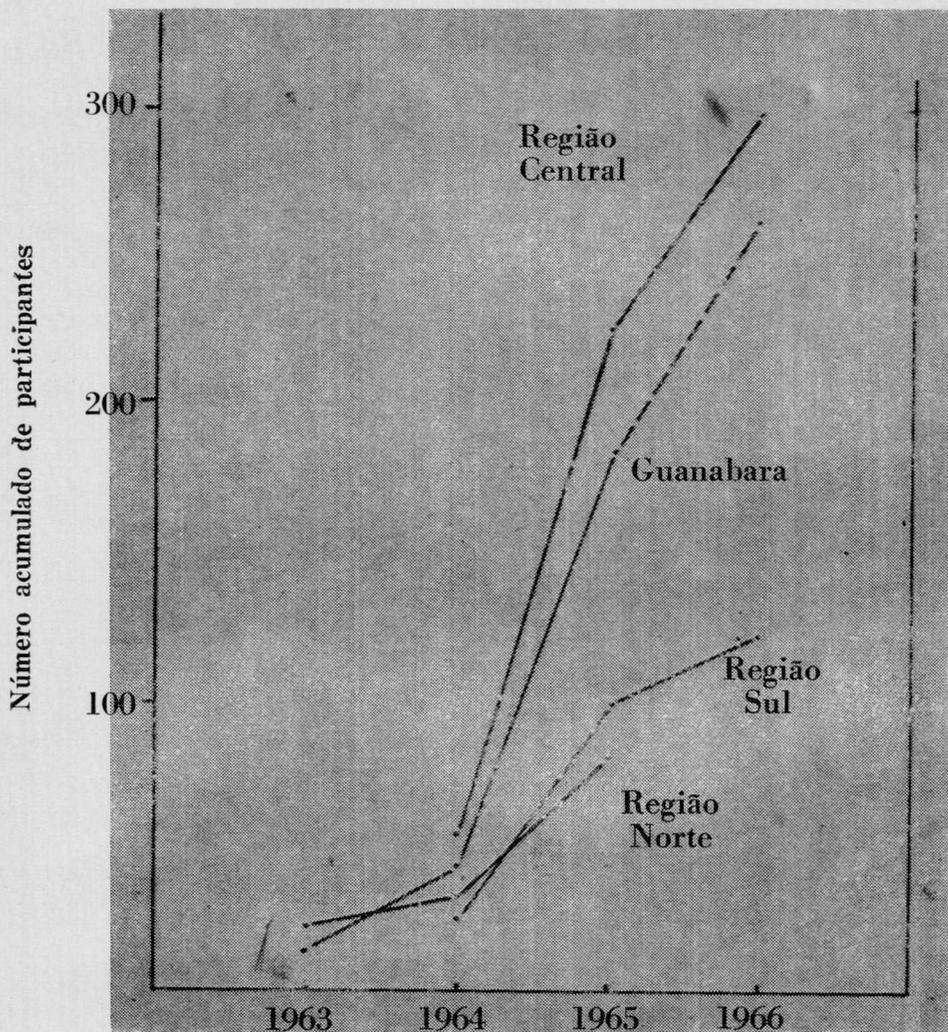
c) *Paraná*

No Paraná, tanto o Departamento de Água e Esgotos, como a Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR), realizam reuniões periódicas entre os encarregados dos sistemas de abastecimento de água das diversas cidades. Ambas as organizações estão em franca colaboração com a FSESP quanto à realização de cursos de treinamento para pessoal de nível médio. Representantes da SANEPAR assistiram cursos para Mestres de Obras, Administradores e Operação de Laboratório Portátil.

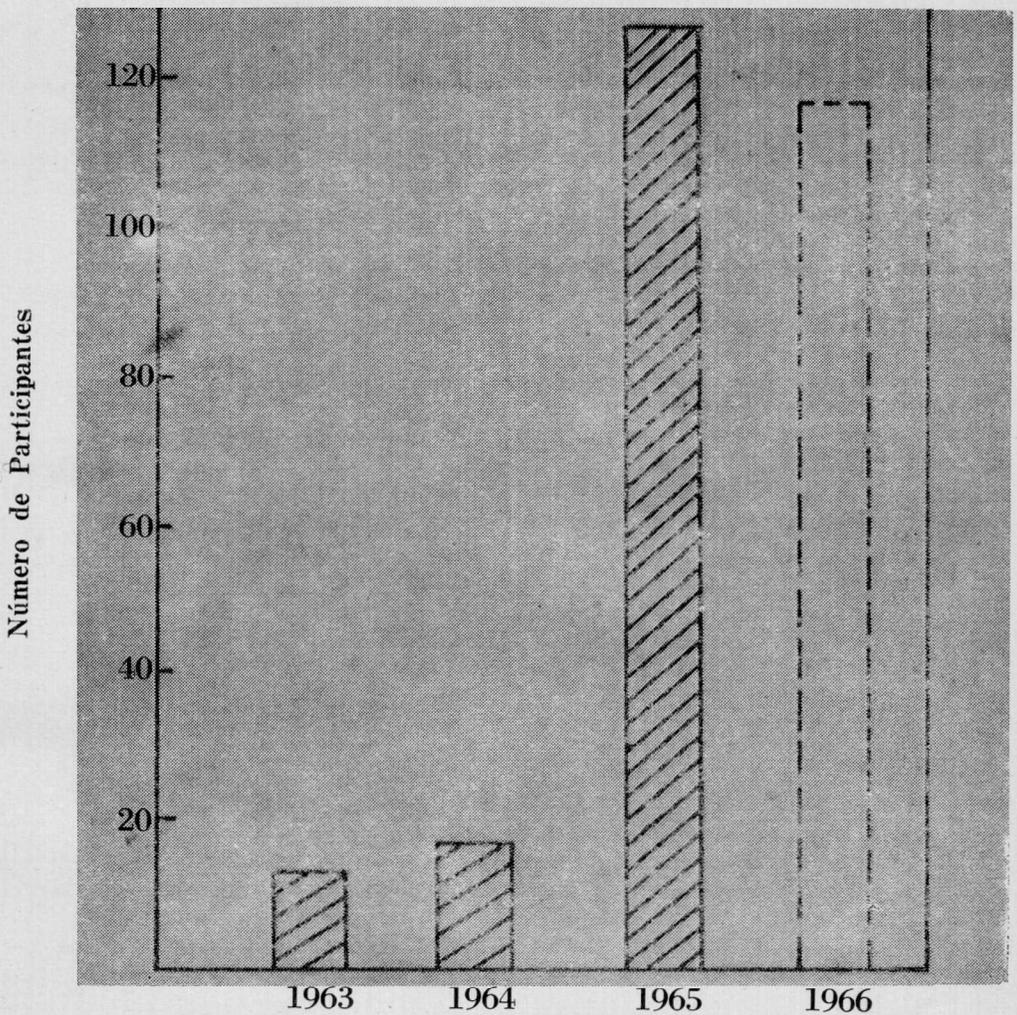
d) *Rio de Janeiro*

A Comissão de Água e Esgotos Sanitários (CAES), do Estado do Rio de Janeiro, inicialmente enviou diversos funcionários, inclusive engenheiros, para atender aos cursos de treinamento para Administradores de Serviços de Água organizados pela FSESP. Posteriormente, a CAES resolveu organizar reuniões de pequena duração onde os encar-

TREINAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL MÉDIO
FSESP, USAID, CEDAG



MARCA DO TREINAMENTO PARA PESSOAL DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DENTRO DO PROGRAMA NACIONAL BRASIL/USAID — GUANABARA — “CEDAG”



Divisão de Águas e Saneamento — USAID/Brasil

regados dos serviços de águas de cidades da mesma área se reuniam durante dois ou três dias para discussão de assuntos de interesse comum. Durante o ano de 1965 foram realizadas duas reuniões desse tipo. Desconhecemos a programação para o corrente ano e para o futuro.

O PROGRAMA DE TREINAMENTO DA FSESP

No plano federal somente a Fundação Serviço Especial de Saúde Pública (FSESP) mantém um programa de treinamento, como atividade permanente, existindo em sua estrutura uma Divisão de Educação e Treinamento (DET).

Entre os objetivos da FSESP está o de “promover a formação e o treinamento de pessoal técnico e auxiliar necessários à execução das suas atividades”, além de “promover a difusão de conhecimentos técnicos ligados à saúde pública, através da edição de livros técnicos e outras publicações”.

Os demais órgãos federais envolvidos com os problemas de abastecimento de água, estão, de um modo geral, interessados nas fases de projeto e construção dos sistemas, deixando à FSESP a tarefa de operação, administração, manutenção e treinamento do pessoal necessário a esta fase.

a) *Metas e resultados em 1965*

Em decorrência das pesquisas realizadas pela equipe do IBAM, a FSESP assinou com a USAID convênios visando, especificamente, a instalação de grupos de Treinamento estrategicamente localizados dentro do território brasileiro. A idéia consistiu em dividir o país em áreas geográficas e dentro de cada uma delas situar um grupo de treinamento com capacidades para se deslocar dentro da área.

Foram estabelecidos grupo de treinamento para o Norte, o Nordeste, o Centro-Oeste e o Sul. O Grupo do Norte foi sediado em Castanhal, Pará, e recebeu a incumbência de preparar pessoal para os Estados do Pará, Amazonas, Maranhão e Territórios Federais. O Grupo do Nordeste localizou-se em Palmares, Pernambuco, e teve a missão de adestrar pessoal para todos os Estados do Nordeste. O Grupo da região Centro-Oeste foi situado em Governador Valadares, Minas Gerais, recebendo a tarefa de preparar pessoal para os Estados de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Espírito Santo. Finalmente, o grupo da região Sul ficou em Joinville, Santa Catarina, com a tarefa de preparar pessoal para os Estados que compõem a região Sul, exceto São Paulo. Este último Estado e a Guanabara mantêm programas independentes, para o preparo de pessoal de nível médio.

Os objetos quantitativos dos convênios assinados entre a FSESP e a USAID visando preparar dentro de 2 anos pessoal de nível médio foram os seguintes:

Norte	300
Nordeste	1.000
Centro-Oeste	400
Sul	250

Durante o ano de 1965 foi preparado pessoal de nível médio, num total de 371 técnicos, distribuídos pelas seguintes áreas:

Norte	64
Nordeste	46
Centro-Oeste	136
Sul	98

As categorias profissionais adestradas foram as seguintes, segundo a região:

CATEGORIAS	R E G I Õ E S			
	Norte	Nordeste	Centro Oeste	Sul
Auxiliar de saneamento	40	14	20	98
Inspetor de saneamento	—	15	—	—
Administrador	—	14	99	13
Operador de estações	—	—	17	—
Operador de casa de bombas	13	—	—	—
Encanadores	11	—	—	—
Perfuradores	—	17	—	—
TOTAL	64	60	136	111

Cumpramos estabelecer que a idéia do treinamento de pessoal de nível médio, dentro da realidade nacional, era efetivar esse tipo de adestramento de modo informal, uma vez que a idéia central era melhorar conhecimentos e experiências dos servidores que já ocupavam cargos nos serviços de água nas diversas cidades representadas nos cursos. Não havia, portanto, a idéia de instituir um sistema de notas ou de reprovações.

b) *Atividades de Treinamento no Ceará*

Merece menção especial o conjunto de cursos que a FSESP leva a efeito em Fortaleza, Ceará, não só pelo caráter nacional que os mesmos já receberam, como pelo fato de não ocorrerem cursos similares dentro do território brasileiro.

Em Fortaleza realizam-se, periodicamente, Cursos de Perfuradores, com a participação de representantes de vários órgãos federais e estaduais, ocorrendo aos mesmos participantes desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul. Já foram realizados com êxito e ampla repercussão nove Cursos de Perfuradores, e, ao longo do nosso país, sempre que fôr encontrada uma perfuratriz em operação, há 70% de probabilidades de que o operador da mesma tenha diploma obtido num dos cursos realizados em Fortaleza.

A equipe sediada em Fortaleza, além dos cursos de perfuradores, já fêz realizar dois cursos para Auxiliares de Geólogos e um para Administrador de Serviço de Água.

c) *A escolha dos cursos*

Considerando já existirem dentro do Brasil cêrca de 44% de municipalidades servidas por sistemas de abastecimento de água, nos quais ainda é pequeno o número de serviços auto-suficientes, face às tarifas irrealis, às interferências políticas e à sua estruturação administrativa, a FSESP, de comum acôrdo com a USAID, deu prioridade à formação de Administradores de Serviços de Água. Os cursos realizados em Castanhãl, PA., Sobral, CE., Petrolina e Palmares, PE., Passos, Juiz de Fora, Governador Valadares e Varginha, MG., Joinville, Sta. Catarina e Macaé, RJ., foram abertos a tôdas municipalidades interessadas e até entidades particulares. O êxito de tais cursos têm sido inulgar. Contrariando a expectativa, êsses cursos têm sido acompanhados por engenheiros e por estudantes de engenharia, como ocorreu em Juiz de Fôra, MG. O programa dêsses cursos, anexados a êste trabalho, além de uma explanação sucinta sôbre hidráulica e engenharia de abastecimento de água, se estende à administração de serviços, tarifas, relações públicas, contabilidade, organização de escritório, etc. O manual preparado para os cursos de Administrador de Serviço de Água, já está na 3.^a edição, tem tido ampla aceitação e larga distribuição em todo o Brasil, tratando-se de obra pioneira.

Além dos cursos já realizados estão programados cursos para encarregados da contabilidade, supervisores administrativos, almoxarife, operadores de estações de tratamento de esgotos, mecânicos e encarregado de laboratório.

d) *Tentativas para organização dos cursos*

Num país como o Brasil, possuindo dimensões continentais, é muito difícil estabelecer programas de trabalho que atendam a tôdas as regiões fisiográficas. Assim, por exemplo, na região amazônica quase todos os serviços públicos de água utilizam água subterrânea. Noutras regiões utiliza-se mais a água de superfície. Dêste modo, um curso para operadores de estações de tratamento de água que é vital em algumas regiões do país torna-se quase desnecessário na Amazônia. Por outro lado, os cursos sôbre água subterrânea são indispensáveis para a região amazônica.

Além dêste aspecto, foi considerada a diversificação do grau de cultura dos instrutores locais e, sobretudo, a inexperiência existente quanto ao preparo de pessoal de nível médio. Como um exemplo, citemos o fato de que ao ser concedida liberdade aos diferentes grupos de treinamento para o preparo dos cursos para serviços de água, a duração dos cursos resultou surpreendente. O grupo localizado em Belém achou necessário apenas 15 dias e assim o fêz. Já o grupo de Recife, no primeiro curso realizado em Petrolina, usou 2 meses. O grupo mineiro empregou um mês e meio, enquanto o grupo de Fortaleza proporcionou, em Sobral, um curso com a duração de 3 meses. Uma análise dos cursos realizados, cortando os excessos e suprindo as deficiências, redundou, finalmente, num curso com um mês de duração, agora adotado.

A duração dos cursos era grandemente influenciada pela matéria incluída nos mesmos. Verificou-se que nos cursos de maior duração, os instrutores incluíam excessos de matéria sôbre hidráulica, em detrimento dos conhecimentos sôbre administração, a qual era o objetivo principal do ensino.

Processo igual verificou-se nos cursos de operadores de estações de tratamento de água, operadores de bombas, etc. Adquiriu-se experiência e ajustaram-se os cursos à realidade e às necessidades. Para êsse ajustamento muito contribuiu a avaliação feita ao término de cada curso, através de formulários distribuídos aos participantes.

UMA TENTATIVA DE CONJUGAÇÃO DE ESFORÇOS

Em 1962, representantes dos diversos órgãos federais interessados no projeto, na construção e na operação de sistemas públicos de abastecimento de água, reuniram-se no Recife, PE., sob os auspícios da SUDENE e da USAID, com o fim de debater a formação e o treinamento de pessoal destinado à engenharia sanitária. À referida reunião compareceram representantes da SUDENE, USAID, FSESP, DNOS,

CVSF, DNOCS, DNERu e do Departamento de Saneamento do Estado de Pernambuco.

Nas conclusões daquela reunião declarou-se que a FSESP seria a responsável pelo treinamento de pessoal de nível médio e superior, na área nordestina. Ficou também estabelecido que os cursos programados seriam os de Mecânico, Perfuradores, Mestre de Obra, Administrador de Serviço de Água, Montador de Bombas, Inspetor de Saneamento e Auxiliar de Geólogo.

Os órgãos representados naquela reunião assumiram compromissos de dotar verbas para o programa de treinamento, a FSESP iniciou a construção de um Centro de Treinamento no Recife, com recursos também da SUDENE, e a USAID comprometeu-se a fornecer o equipamento destinado ao Centro.

Infelizmente, aquela tentativa de conjugação de esforços não frutificou e sôbre os compromissos solenemente assumidos caiu a incessante, embora tênue, poeira de esquecimento.

UMA NOVA APRECIÇÃO DO PROBLEMA DE TREINAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL MÉDIO

Continuando a existir o problema do treinamento de pessoal de nível médio e sendo cada vez maior a carência daquêle pessoal para operar e manter os serviços de água, é natural que exista uma nova busca de outros horizontes.

No momento, estuda-se a possibilidade de obter colaboração por parte da rede de universidades federais. A esperança é válida. Constitui uma maneira de atrair o Governo Federal, através do Ministério da Educação e Cultura, para que se defina sôbre o problema da formação e treinamento de pessoal de nível médio para os serviços de abastecimento de água.

A meu vê não pode a tarefa de treinar pessoal de nível médio ficar apenas restrita aos professôres universitários. Ocorre-me, inicialmente, que deve existir uma associação de interêsses entre as Universidades e os órgãos federais ou locais envolvidos nos problemas de treinamento. Seria proveitoso que as Universidades colocassem à disposição dos programas de treinamento as facilidades físicas de que dispõem e os órgãos interessados fornecessem os instrutores. Creio que os engenheiros e demais técnicos daquêles órgãos sentir-se-iam mais à vontade para a tarefa de transmitir conhecimentos que constituem sua lida diária, reservando-se aos professôres universitários a incumbência de lecionar tópicos de nível mais elevado, exigindo uma maior carga de conhecimentos teóricos.

Receio, e o declaro, que para determinadas categorias de alunos a treinar, a linguagem do professor universitário seja bastante elevada, de molde a frustrar os objetivos que se tentam atingir.

Por outro lado, é necessário salientar que na Universidade devem necessariamente refletir-se as necessidades da comunidade. Com êsses cursos para formação de pessoal de nível médio, a Universidade estará mais próxima do cidadão comum, e, quem sabe, estabelecendo mais aproximação com a comunidade.

Cabe aos participantes dêsse Seminário, realizado sob os auspícios da Oficina Sanitária Panamericana, analisar detidamente a abertura de nova fronteira.

O que não convém é ficarmos, simplesmente, conformados com o estado atual do problema. Afinal, o progresso do mundo é feito pelos inconformados.